

MAÇONARIA E IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA: dialéticas desiguais e bovarismo maçônico

Prof. Me. Cídio Lopes de Almeida
Doutorando em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES

ALMEIDA, C.L. Maçonaria e Igreja Católica Apostólica Romana: dialética desiguais e bovarismo maçônico. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/maconaria-e-igreja-catolica-apostolica-romana>. Acesso em: (dd/mm/aaaa)

Introdução

Esta crônica objetiva levantar algumas perguntas sobre o tema Maçonaria e sua relação com a Igreja Católica Apostólica Romana - ICAR. Sem pretensão sistemática das outras modalidades da prosa acadêmica, a ideia é um exercício meditativo hipotético, aberto a retornos dos leitores, sobre um caso de relação entre instituições que compõe o horizonte sociocultural brasileiro. Como exercício a ideia não é terminar com vereditos, mas com perguntas e sem certezas e valores apurados. Em termos escolar, a liberdade inerente à atividade reflexiva, com de resto as pesquisas nas Humanidades, implica uma suspensão metódica dos valores, como fizera René Descartes (1596 – 1650) no seu Discurso do Método, para poder fazer algumas perguntas. Nossa hipótese é de que a Maçonaria se vê maior do que ela é, sendo o exercício de comparação com a ICAR uma metodologia possível para estabelecer os primeiros indícios desta suspeita.

O duro caminho de ver a si

A relação entre o fenômeno polissêmico Maçonaria e a Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR é no mínimo o que o poeta disse: “(...) A vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida (...)” (Powell & Moraes, 1967), em especial pela chave do desencontro. A Maçonaria como instituição formal tem origem nos anos 1717 ou 1723, mas já nesta origem sua multiplicidade mostra-se com força. Haverá muito prosa sobre se esta *United Grand Lodge of England – UGLE* é a maçonaria mesmo. De fato, existe muitas sociabilidades que se denominam como Maçonaria e não será raro que cada uma mostre os motivos de ser ela mais importante que a outra. E para este exercício de conversão do olhar sobre si mesmo, a multiplicidade já nos coloca o primeiro desafio de encontrar a unidade na diversidade.

Para além desta diversidade, é fato objetivo que houve este fenômeno social no XVIII e que ele se articulou e jogou suas velas nos ventos da Filosofia Natural (cf. DUCHEYNE, 2023), especialmente aquela modulada no pensamento de Isaac Newton (1642-1727) e transposta para o campo maçônico por Jean Thóphile Desaguliers (1683-1744). Outra ventania

na qual pegou carona foi no Iluminismo, movimento cultural filosófico em que não era incomum indivíduos da nobreza francesa ser aderente, segundo o que Rüdiger Safranski (1945) desenvolve no seu *Romantismo: uma questão alemã* (2012). E de vento em vento a Maçonaria fez história, chegando naquelas terras barbaras da América do Norte, como podemos notar na leitura da obra *Contra-História do liberalismo acerca do Liberalismo estadunidense dos XVIII e XIX* (LOSSUURDO, 2009).

A Maçonaria como um fenômeno múltiplo e distribuída por múltiplos países acaba sendo tratada com uma única instituição. Não será diferente na chegada ao Continente Americano, no qual é vista como uma única “*think thank*” de norte ao sul. E apesar de haver sociedades de todo gosto neste século XIX, (PETTER WASHINGTON, 2000), este nome e esta sociabilidade será tomada como oponente da ICAR e como uma Instituição unitária. Sem demora, para ser preciso, ainda no 1738 (BOUTIN, 1998/2023), o Estado Papal ou Estado Pontifício, uma teocracia, lançou seu primeiro decreto de perseguição contra a Maçonaria. As motivações do ponto de vista desta teocracia pareciam justas, a julgar pelo que nos diz Boutin: “(...) a posição de Clemente XII, fundamentada na doutrina, deve ser situada no contexto contemporâneo em que as igrejas foram excluídas dos lugares onde o conhecimento da filosofia natural era elaborado.” (BOUTIN, 1998, p. 397).

A Maçonaria era o endereço fixo de um movimento transformação social e de conhecimento amplo e difuso. Ela não só ecoava as ideias da Filosofia Natural e do Iluminismo, mas tomou para si enquanto organização social e institucional estes princípios filosóficos. A despeito de ser secreta, tinha endereço, manifesto, estatutos, rituais. Neste sentido foi oportuno que a ICAR dirigisse seu olhar para este fenômeno e estruturasse variados mecanismos de perseguição. Destacamos em linhas gerais:

- Tribunal da Inquisição servirá em seis campos distintos, embora cronologicamente simultâneos: 1) Publicação de decretos e editais proibindo a maçonaria; 2) Relatórios dos Inquisidores Gerais; 3) Delações espontâneas ou retratações de maçons; 4) Denúncias; 5) Processos e 6) Proibição de livros relacionados à maçonaria.
- após o desaparecimento da Inquisição, as pastorais dos bispos e os escritos e outras atividades (púlpito, confissão, missões populares, colégios...) (FERRER BENIMELI, 2023, p.2)

Esta é sem dúvidas uma perspectiva do complexo fenômeno de disputas religiosas mais recentes, isto é, dos últimos 500 anos da história euro-americana. Afinal, o que foi que a

Maçonaria fez contra a ICAR? No geral defendeu ideias que desalojaram ela do seu lugar habitual de poder.

Nos casos mais concretos da América Latina, onde a ICAR ainda gozava da extensão do seu poder, primeiro nas colônias de Portugal e Espanha e depois nos Estados emancipados, o seu poder foi apossada de modos variados. No caso Brasil o seu poder foi restrito à vida privada, sem o lugar formal junto a Estado Brasileiro. E nestes casos o nome Maçonaria estava sempre associado às vagas liberais, republicanas, etc. Pelo que o estranhamento se mantinha e a Maçonaria se capitalizou destes avanços na direção de um Estado Democrático e da separação de Direito da Igreja com o Estado.

Mesmo não promovendo atividades exclusivamente contra a ICAR, nos mesmos moldes que ela o fez contra a Maçonaria, o pensamento liberal no geral e quem a ele se filiasse, atuava contra aquela ideia de Igreja e Poder existente até o momento. A maçonaria não fez cartilhas, não possuía um Estado Maçônico, a exemplo da ICAR, apenas foi caixa de ressonância de um pensamento de vanguarda da época, isto é, pegou carona no liberalismo político da ocasião. E por esta aproximação não se pode definir a Maçonaria de outra forma, ela é na forma e no conteúdo liberal e iluminista.

De fato, esta vaga de pensamento denominada de modernidade, contexto mais amplo em que liberalismo e iluminismo estão situados, foi gerada de modos variados, em planos como o econômico (navegações/mercantilismo), o cultural (Renascença/Racionalismo), o político (Revolução Francesa) e o industrial (Revolução Industrial). Gerou guerras religiosas fratricidas de todo jeito possível na Europa Central entre os anos de 1500 e 1600. E o pensamento liberal não era exclusivo da Maçonaria, mas, por exemplo, o grupo religioso cristão Batistas estabeleceu diálogo e absorveu traços da ideologia do liberalismo. Por tudo isto, a perseguição ou beligerância entre ICAR e Maçonaria pode situado neste plano mais alargado, a peleja era contra todas as vagas que tinha pretensões modernas, incluindo aí as dissidências religiosas a partir da Reforma Protestante (1517).

Deste processo de interação violenta uma pergunta ainda está por ser investigada na perspectiva da Maçonaria. Considerando aquela ideia de que uma coisa se determina não só pelo que se pode ver nela, mas sobretudo pelas forças que a determinaram (Hegel, Filosofia do Direito, 2010), até que ponto a Maçonaria não teria imitado a ICAR. Apesar de se pretender moderna, especialmente se tomarmos os pensamentos de Desaguliers, a Maçonaria seria uma composição entre ideias liberais e a ICAR ou, para sermos contidos, devemos investigar até que ponto a estruturação da Maçonaria ganhou feições de uma Instituição Religiosa que era também

um Estado. Esta suspeita se assenta no fato de ser ela o horizonte da ideologia hegemônica com o qual as correntes filosóficas liberais e iluminista faziam oposição.

Ainda que às vezes lhe falte alguns aspectos, como uma casta de maçons/eclesiásticos, a estruturação da Maçonaria, após a fundação de Londres em 1717/23, foi ganhando corpo e, já no século XIX, não será estranho notar um desenho organizacional que emulava a estrutura da ICAR, na qual se fundia e confundia, ao olhar leigo, um Estado e uma Igreja/religião. A Maçonaria organizada em Grande Loja, no caso dos ingleses, ou em Grande Oriente, no caso francês, detinha uma estruturação organizacional na qual o exercício do poder era distribuído em três instâncias. Recebendo os nomes de executivo, legislativo e judiciário maçônico. Portanto, não é estranho aos adeptos da Maçonaria falarem de deputado-maçônico, juiz-maçônico, presidente da assembleia maçônica, superior tribunal maçônico, entre outras emulações. A imitação de uma Instituição ao estilo da ICAR de certo foi parcial, pois como adepta das filosofias nascentes, a Maçonaria carrega características que serão a dos Estados Modernos e Democráticos.

Esta bem elaborada organização social permite ao fenômeno social humana denominado de Maçonaria congregar um variado grupo de pessoas por extensões territoriais bem vasta. O Brasil é um bom exemplo, não será difícil de se verificar uma Loja Maçônica na cidade de quem nos lê. Em pesquisa de Izautonio Machado (GLOMARON – CONHECENDO A MAÇONARIA, Sd.) no contexto da Pandemia de Covid-19, temos notícias de 7.496 Lojas Maçônicas e 222.468 mil maçons brasileiros. Considera-se três grupos de maçonaria masculina, articulados como Grande Oriente do Brasil - GOB, Confederação Maçônica Simbólica do Brasil – CMSB e Confederação Maçônica do Brasil - COMAB.

Apesar destas características administrativas, as disputas internas tem sido outra marca do que seja a Maçonaria, fato que em si fala mais da diversidade de pensamento e de uma sociabilidade que valoriza o protagonismo inspirado nos ideais liberais. Assim, só para ficar num exemplo, o Brasil tinha um modelo de inspiração francesa, o Grande Oriente do Brasil - GOB, que sofreu rupturas nos anos 20 do século XX e surgiram as Grandes Lojas Estaduais e que se articulam na CMSB, mais inspirada no modelo inglês da *UGLE*. E estas divisões chegam até os dias de hoje, sendo a causa aparente as disputas mais prosaicas do exercício de poder, mas que contextualizadas no pensamento liberal, podem ser pensadas como parte inerente à próprio da ideia de liberdade de pensamento desta perspectiva filosófica. Sem falar que esta diversidade, ainda nos fins do século XIX, também implica outro debate que é a participação de mulheres como maçons. Tema que surge com a Maçonaria *Le Droi Humain*, uma fenômeno social de maçons homens e mulheres. Sendo presente no Brasil com o nome de Ordem

Maçonica Mista Internacional, sediado na cidade do Rio de Janeiro, e, noutro grupo, Grande Loja Maçonica Mista do Brasil, sediado na cidade de São Paulo.

Posto em perspectiva uma imagem possível de ver a Maçonaria, retornamos a questão da interação beligerante entre ICAR e Maçonaria, para elaborar uma pergunta hipótese. A Maçonaria não estaria sendo superdimensionada? O primeiro passo para organizar esta pergunta problema é que não se tem uma Maçonaria, mas várias organizações Maçônicas. O que estabelece nexos entre elas são termos ideológico, mas nos processos administrativos, rituais e quase tudo o mais tem variações as mais diversas. Por exemplo, na Suécia a Maçonaria é cristã e está ligada a monarquia sueca. Na Espanha, a Maçonaria foi perseguida formalmente no governo ditatorial de Franco e pelos monarcas do século XIX, além de ter sido proibida até o ano de 1978. Em Portugal foi proibida no contexto da ditadura de Salazar e só retornou à legalidade a partir de 1975. No Brasil sempre foi uma Instituição legalizada junto ao Estado, no passado, fins dos século XIX, foi parceira de primeira hora das recém-chegados Igrejas Protestantes. Contudo, hoje é difamada como coisa do “capeta” entre algumas frações de Igrejas cristãs neopentecostais. Neste universo múltiplo não tem lugar para uma Instituição monolítica capaz de articular uma ação coordenada por todos os lugares que surgiu. Os decretos da ICAR, seja lá no passado enquanto Estado Papal, seja mais recente no Estado da Cidade do Vaticano, ao tratar nos seus decretos sobre a Maçonaria mostra-se ser a fonte desta ideia monolítica.

Nesta relação dialética a Maçonaria ocupou o imaginário do oposto aos interesses da ICAR. Foi construído no imaginário que se poderia perseguir este grupo, pois ele era uma ameaça aos valores e princípios do “católico”. Para além das palavras, a história da Espanha nos fornece exemplos variados desta perseguição. A construção arquitetada pela ICAR, em suas várias regionais e modalidades de difusão, nos parece ser a origem desta percepção de uma Maçonaria única e transnacional. Aliás, natureza que estava justamente ligada ao Estado Papal/Estado Pontifício, que enquanto Estado e Sede Religiosa, detinha o poder de emanar decretos que repercutiam diretamente noutros Reinos/Estados, como o Reino de Espanha e Portugal.

Ao consideramos que a Maçonaria não tem as dimensões que se atribui a ela, podemos lançar ainda outras perguntas. Em nossos dias, especialmente entre os adeptos da Maçonaria brasileira, há uma percepção em que se assume esta grandeza institucional. Esta perspectiva de autopercepção grandiosa pode ser notada na insistente dileção por perfilar as listas de maçons famosos do passado. Famoso e poderoso aqui são tratados na mesma valoração. Este exercício de rememorar as pessoas importantes pode ser explorado como um exercício de atribuir a si, no presente, parte desta importância cultivada. Contudo, na prática, este expediente terá que ser

adicionado na investigação da causa de uma percepção distorcida do próprio maçom sobre a Maçonaria. Seriam os maçons *bovaristas*? Presos numa idealidade de passado grandioso, e absorvendo uma ideia formada e divulgada pela ICAR?

Esta desconfiança do tamanho da Maçonaria se torna importante para uma investigação científica que deseja pensar e colaborar com os processos formativos da própria Maçonaria. Se esta ideia for procedente, os maçons estariam pensando a si mesmo de modo distorcido. Ao se ver como uma oponente da ICAR em pé de igualdade, acaba se perdendo nesta luta imaginária, *bovarista*. A pergunta que não tem sido respondida é se a Maçonaria e os maçons foram efetivamente algozes ou vítimas nesta peleja histórica. No geral, talvez fruto da imagem de si distorcida, os maçons brasileiros se veem como protagonistas neste processo. Ademais, quando alvo de discriminação ou intolerância filosófica/religiosa, tem sido comum os maçons brasileiros reagirem com indiferença. Tais atos são recepcionados como se não os atingissem e até certo ponto é tomado como símbolo de sua elevada importância na vida social. Não há uma elaboração institucional destes fatos nas ditas Potências Maçônicas brasileiras.

Neste exercício de procurar saber o tamanho do que seja a Maçonaria brasileira, valeria ainda uma rápida comparação com a ICAR. Exercício que sem muitos esforços nos leva a perceber uma disparidade aguda. Esta diferença não implica afirmar a ausência do fenômeno Maçonaria na cultura brasileira, mas apenas uma melhor contextualização do seu tamanho. A partir dos fins do século XIX, em que Maçonaria e ICAR protagonizaram a “Questão Religiosa”, entre outras querelas, houve uma modificação substancial de quem compunha a elite e o poder nacional. De fato, neste contexto a ICAR perdeu o lugar formal junto ao Estado, e que de modo superdimensionado esta perda é atribuída à Maçonaria. Como reação a este desentranhamento da República Federativa do Brasil, a ICAR se movimentou para se reposicionar durante um longo período histórico entre os séculos XIX e XX. Em pouco tempo foram implantadas em território nacional Instituições educacionais (Congregação dos Irmãos Maristas, Congonhas/MG, 1897, entre outras), datas religiosas (Nomeação da Padroeira do Brasil em 1930), monumentos religiosos (Cristo Redentor 1959), tiveram início em todas as latitudes no Brasil. Nesta chave de comparação, a Maçonaria manteve-se como uma sociabilidade composta por voluntários, sem uma formação acadêmica exclusiva, e com raras experiências de apoio a escolas profissionais e folhetins de propaganda ideológica.

Neste exame da disputa cultural entre ICAR e Maçonaria, as inúmeras Instituições Universitárias, Escolas Básicas, editoras e obras assistenciais, datas religiosas, monumentos religiosos torna uma comparação constrangedora. As múltiplas maçonarias no Brasil ao logo de mais de 120 anos não logrou promover um único projeto Universitário. Em casos isolados,

podemos encontrar algumas escolas de formação profissional lá no passado. Na atualidade ainda, existem poucos e modestos projetos de escolas básicas ligadas à Lojas Maçônicas. As que existem desenvolve relevantes projetos de promoção da educação nas suas respectivas comunidades, porém, pensando a Maçonaria no Brasil, estes projetos são exemplos raros e quase exíguos comparados ao tamanho do Brasil e dos projetos educacionais da ICAR.

Em linhas gerais esta comparação geral nos permite desconfiar que a Maçonaria é uma parte menor de uma vaga ideológica bem maior. A falta de uma logística, de pessoal qualificado e com dedicação exclusiva à maçonaria, de Instituições de educação formal, a ausência dos espaços de produção de ciências, a ausência de atividades editoriais no campo das ciências, é exemplo de que seu tamanho é bem menor. Os aproximados 223mil maçons, que se dedicam voluntariamente, não passam por um processo de formação acadêmica formal de 8 anos (1propedeutico+3filosofia+4teologia) como os 18mil padres (Dom Eduardo Pinheiro da Silva, CNBB, 2010) da ICAR. Este número não conta ainda homens e mulheres que são considerados leitos consagrados, e que se dedicam, pelo tempo de formação e dedicação exclusiva, de igual modo ao trabalho na ICAR.

Por fim, se esta hipótese for confirmada, teríamos ainda uma importante chave de leitura dos problemas e desafios atinentes à formação de novos membros da maçonaria em nossos dias. Hoje não é raro que a média de idade dos adeptos da Maçonaria seja de 50,2 anos de idade (CASSIANO MORAIS, Sd, Desafios da Maçonaria Pós-coronavirus, p. 30) e quando recortamos para outras Grandes Lojas chega-se a métrica de 60anos. As modificações socioculturais parecem ter privado a Maçonaria daqueles ventos favoráveis do áureo século XIX. A cultura majoritária parece caminhar para outra direção. E sem contar com este contexto favorável, com aqueles ventos abundantes do contexto liberal-iluminista, teria ela que remar com sua própria força parar se posicionar nos mesmos horizontes ideológicos do passado. Lembrando-nos aquela clássica metáfora de Platão da chamada Segunda Navegação. Em que após sessarem os ventos, os navegantes colocavam-se por seus próprios esforços a remarem, como metáfora para o surgimento do pensamento metafísico ocidental. O risco é a Maçonaria descobrir, dado a sua autopercepção equivocada, que não tem remos para tal, que nunca os fez e nem sabe como fazer. E da atual deriva em face dos desafios de aproximar-se das gerações mais novas, possa encaminhar para um naufrágio definitivo nas próximas décadas.

Estas linhas se dão por concluído com esta suspeita: a maçonaria se vê maior do que ela mesma pode ser. Um ajuste nesta percepção permitiria sintonizar com seu atual estado e a sua história entre nós brasileiros. Esta correção não é para comprovar a tese de que seria ela irrelevante, pelo contrário, seria para um ajuste consigo mesma e com isto ocupar-se de

questões segundo a sua própria demanda. Não se confundir com a idealização de si, em muito urdida por quem a perseguiu sistematicamente, e neste retorno a si, tratar de se perguntar pelos motivos que a mantiveram, sobretudo os três grupos de Maçonaria (GOB, CMSB e COMAB), tão afastada de qualquer projeto Universitário. Estaria seu projeto de formação humanística, sua advocacia pelo Estado Democrático de Direito, projetos que não fazem mais sentido para nossos dias? Ademais, considerando a média de idade, quais os motivos que a juventude não se interessa em ser Maçom? Superado aquele expediente simplista de culpar os jovens, não seria a Maçonaria que perdeu a capacidade, sobretudo por não deter e participar de processos formais de educação, de ser espaço de sociabilidade formativa relevante para os nossos dias?

Como citar:

ALMEIDA, C.L. Maçonaria e Igreja Católica Apostólica Romana: dialéticas desiguais e bovarismo maçônico. São Paulo: AM3 Escola de Filosofia, 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/maconaria-e-igreja-catolica-apostolica-romana> . Acesso em: (dd/mm/aaaa)